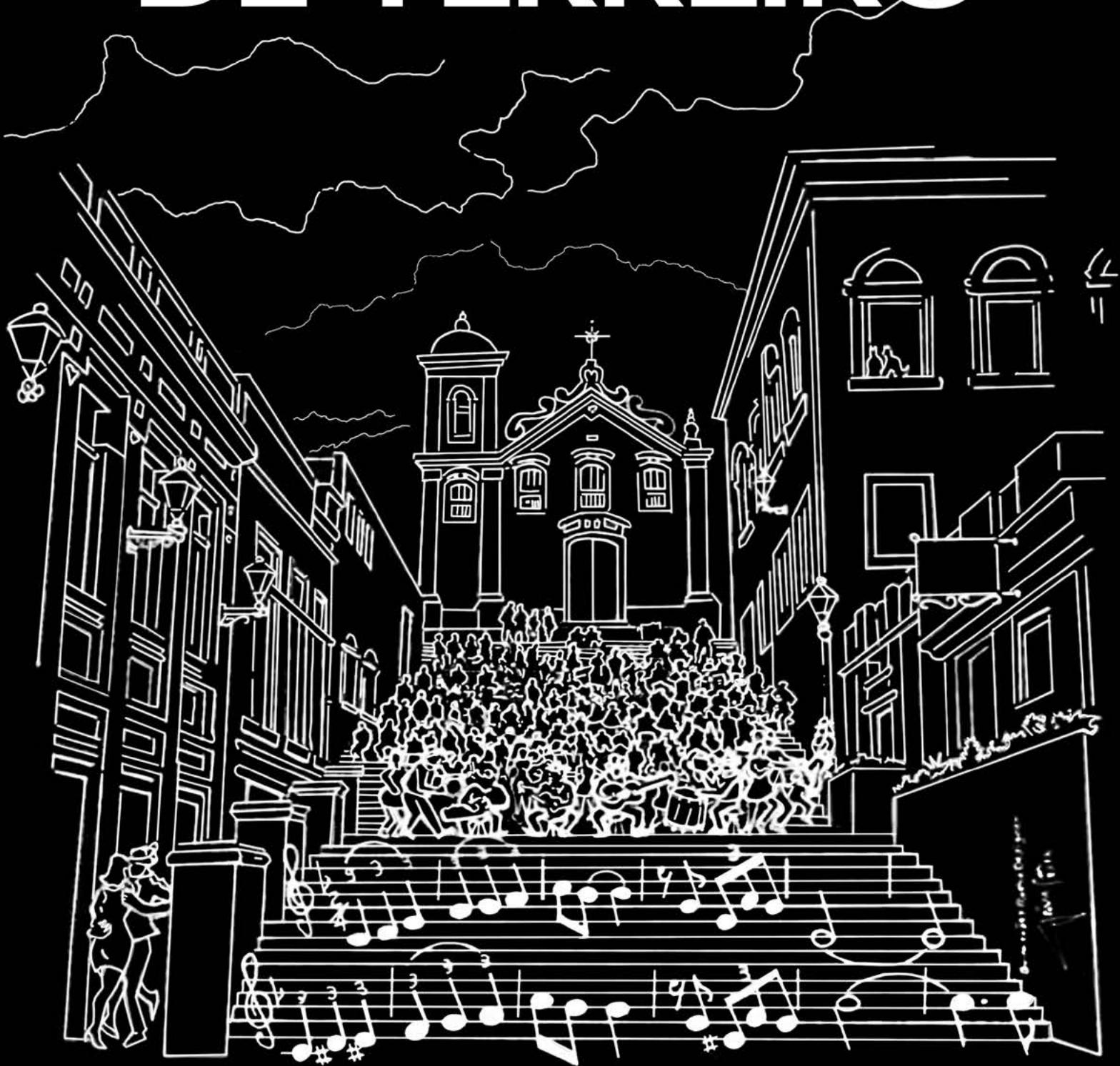


almanaque

SAMBA DE TERREIRO



SAMBA DE TERREIRO,
UMA FILOSOFIA DE VIDA
Pág. 6

PRIMEIRA ESCOLA
DEIXA FALAR
Pág. 13

SAMBA EM
FLORIANÓPOLIS
Pág. 28

DO RIO DE JANEIRO
A FLORIANÓPOLIS
– DO SALGUEIRO A
COPA LORD
Pág. 34

Projeto Samba de Terreiro Apresenta
Almanaque Samba de Terreiro Florianópolis

Equipe do Almanaque (Pesquisa, texto e organização)

Carlos Alberto Raulino
Carmen Lucia Evangelho Lopes
Jaqueline Henrique Cardoso

Seleção e Organização das Imagens

Carlos Alberto Raulino
Jaqueline Henrique Cardoso

Desenho original da Capa

Guimarães Rocha

Capa, Projeto gráfico e diagramação

Mario Tarcitano

Agradecimentos especiais

Aos fotógrafos Giuliane Gava, Joaquim Corrêa, Jô Capoeira, Sérgio Silva, Sérgio Vignes e Luiza Filippo.

Aos artistas Bruno Barbi, Marcelo Marques de Melo, Manoel Raulino.

Ao design gráfico Guimarães Rocha
Integrantes do Projeto Samba de Terreiro

Coordenador Geral

Carlos Alberto Raulino

Equipe de apoio

Akin Pereira Reis, Andreza dos Santos Simões, Carmen Evangelho, Cintia Guimarães, Danilo Costa de Sá, Jaqueline Henrique Cardoso.

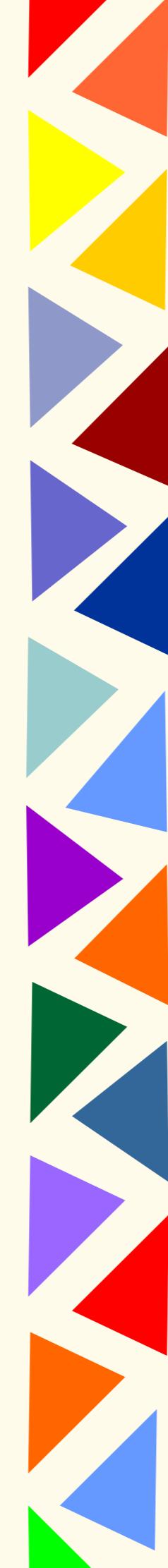
Assessoria de imprensa
Linete Martins e Luiza Machado.

Músicos

Douglas Delatorre, Fabrício Gonçalves Pereira, Giovana da Silva Dutra, Guinter Vieira, Gustavo Gabriel Lopes, Jandira Souza da Rosa, Jean Leira, Josiane Maria Souza da Rosa, Julia Maria Coelho, Leandro Pereira

Velha Guarda da Copa Lord

Aderbal Ferreira, Ari de Freitas Cunha, Claudete Fermiano da Silva, Denilson Machado, Erani Maria Pereira, Izete Maria Cardoso Liconio, Izóte Bittencourt, Leocádia Maria de Oliveira, Lídio Costa, Maria Ramos, Valdir Caetano da Cruz



UMA TURMA DA PESADA

Há algum tempo procurei alguns músicos e formadores de opinião para juntos formarmos uma grande roda de samba em Florianópolis, com foco no samba de terreiro.

Para essa empreitada, reunimos em torno de 30 pessoas, entre músicos, membros da Velha Guarda da

Embaixada Copa Lord¹, produtores, pesquisadores, amantes da boemia e do bom samba. Com esse time nasceu o Projeto Samba de Terreiro de Florianópolis. Inicialmente idealizado para ser realizado na Escadaria do Rosário, posteriormente foi ganhando outros espaços, como a Escadaria e o Teatro da UBRO, sempre no centro da cidade.

Os eventos foram, desde o início, um sucesso e, a cada nova atividade, mais expectadores, músicos e apoiadores se juntaram a essa iniciativa. É preciso mencionar que a decisão de integrar novas pessoas a Roda ou a equipe de apoio, sempre considerou os mesmos princípios que nortearam a montagem do Projeto de maneira garantir o sucesso do trabalho.

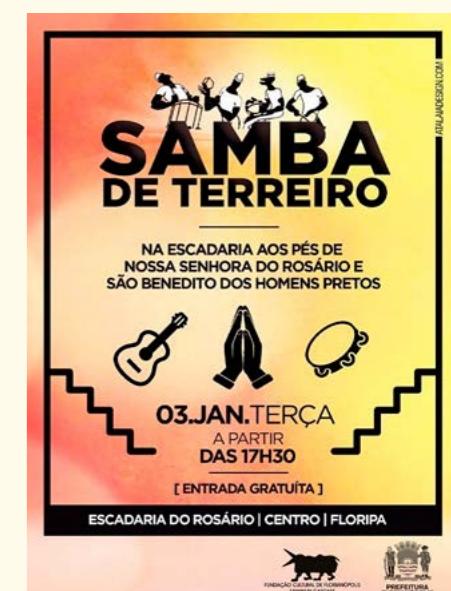
Desde a primeira roda, em janeiro de 2017, foram mantidos os mesmos procedimentos: antes dos músicos começarem os trabalhos, há espaço para o orador contar um

¹ Embaixada Copa Lord – Escola de Samba de Florianópolis, fundada em 1955 na região do Morro da Caixa onde continua sediada.



de improviso, já que os sambas de outrora só tinham refrão. Quem ocupa essa posição de condução e liderança da Roda em nosso Projeto, é a renomada pastora Jandira Sousa, conhecida nacionalmente pelos versos de improviso no mundo do Partido Alto. Acompanhada das pastoras Josiane da Rosa e Julia Maria e de jovens músicos com muita credibilidade e conhecimento sobre samba, Jandira realiza seu papel com maestria e leveza.

Esse time da pesada é importante para manter viva e forte a chama da batucada com as características dos instrumentos originais dos primeiros terreiros das escolas de samba, como; surdo (também chamado de caixa surda ou de Paulistão, no Sul), cuíca, tamborim (também chamado no Sul de Malacaxeta), pandeiro, com a harmonia de violões e cavaquinhos.



ÍNDICE

6 SAMBA DE TERREIRO - UMA FILOSOFIA DE VIDA

10 SAMBA DE TERREIRO - UM PACTO DE CULTURA COM FLORIANÓPOLIS

13 PRIMEIRA ESCOLA DE SAMBA - DEIXA FALAR

17 ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

20 PORTELA

24 IMPÉRIO SERRANO

26 SALGUEIRO

28 SAMBA EM FLORIANÓPOLIS

30 OS PROTEGIDOS DA PRINCESA

31 EMBAIXADA COPA LORD

34 DO RIO DE JANEIRO A FLORIANÓPOLIS – DO SALGUEIRO A COPA LORD



Foto: Joaquim Corrêa, 2019.

A força e a importância da presença feminina.

Por fim, e não menos importante, contamos com a presença na Roda de um belo grupo da Velha Guarda da Copa Lord, escola de samba com forte ligação com minhas origens nos altos do Monte Serrat (Morro da Caixa) em Florianópolis.

E assim, uma grande roda de samba, mesclando homens e mulheres, foi tomando forma, sempre mantendo a presença feminina, pois como me disse uma vez o mestre Monarco; “a mulher é fundamental para um bom samba, as nossas queridas pastoras”.

Muitas das informações obtidas para essa publicação vêm de histórias relatadas por integrantes de velhas guardas do samba e consagrados sambistas como, Tantinho, Xangô da Mangueira, Elton Medeiros, Neguinho da Beija Flor, Dona Ivone Lara, Jorginho do Império, Jair do Cavaquinho, Argemiro, Casquinha, Noca da Portela, Monarco, Dona Zica, sendo que muitos destes já não estão mais entre nós².



Pastoras da Copas Lord e coordenador do projeto Carlos Raulino.

2 É preciso mencionar que a ponte Rio de Janeiro x Florianópolis aconteceu graças ao Grupo Um Bom Partido – criado em 1997 que acompanhou vários sambistas cariocas em Florianópolis. Entre uma apresentação e outra, o Grupo Bom Partido pode saciar a sede de conhecimento sobre samba, bebendo na fonte.

“Velório no morro é gurufim”, cerimônia bem pouco triste, todo mundo bebendo, brincando e lembrando as coisas bonitas da vida do finado.

(FILHO; SILVA, 1981, p. 29)

Fica aqui nossa carinhosa homenagem ao saudoso Seu Teco.

Seu Teco: Presente!

Homenagem: Essa publicação é dedicada ao Seu Teco, como João Ferreira de Souza (01/06/1936 – 03/08/2020) era carinhosamente conhecido. Além de integrante da Velha Guarda do Copas Lord e do Projeto Samba de Terreiro, Seu Teco foi uma grande liderança comunitária no Morro da Caixa d’ Água em Florianópolis. Seu Teco partiu durante a pandemia, em agosto de 2020, com 84 anos de idade e nos deixou um sentimento de enorme gratidão pelo seu amor ao samba, a música, a alegria, a nossa cultura e a liberdade.

Amigos e familiares se despediram de Seu Teco do jeito que ele gostava, com um Gurufim¹ repleto de orações, samba, contação de causos e depoimentos carinhosos.



Foto: Sérgio LDS, 2017.

Seu Teco

O Gurufim de sétimo dia do Seu Teco foi realizado no dia 09 de agosto de 2020 – totalmente online devido a Pandemia de covid19.

SAMBA DE TERREIRO

UMA FILOSOFIA DE VIDA

*Já não se samba mais a luz do lâmpada
E a cabrocha não vai pro terreiro de pé no chão*
(Herivelto Martins)

Vamos tentar entender o que é samba de terreiro ou como ele se organizava antigamente (nos anos de 1930 até fins dos anos de 1960). Primeiro, precisamos saber que ele não é um gênero ou subgênero do samba, algo como chula, partido-alto, maxixe, calango ou coisa parecida.

Na realidade, duas coisas são importantes para se pensar o samba de terreiro:

1) A questão geográfica, afinal este tipo de movimento se dava em um local específico, ou seja, no terreiro da casa de alguém da comunidade ou no terreiro das escolas que se formavam (Portela, Mangueira, Império Serrano, Salgueiro...) e assim assumia características daqueles lugares.

2) A instrumentação para execução do samba. E aí entravam os instrumentos bases e comuns nos sambas de terreiro que eram o

surdo, pandeiro, tamborins, cuíca, cavaquinho e violão, além, é claro, das vozes.

Agora, fundamentalmente, o Samba de Terreiro é um estilo de vida. O Samba de Terreiro é uma filosofia, que tem regras, comportamento, ética, postura, hierarquia e, acima de tudo, respeito aos mais velhos. As pessoas que participam da roda musical, ou que ajudam na organização e fazem os bastidores, comungam de um mesmo sentimento: o de confraternizar, o de se solidarizar e o de expressar tudo isso ao bater palmas no acompanhamento da música, ao cantar e dançar.

Este tipo de manifestação musical, que não é um gênero, tem uma forma de expressão que, antigamente, não almejava questões comerciais. Era feito com o coração, muitas vezes para homenagear a escola ou para falar de amor, desilusão amorosa, histórias engraçadas do cotidiano.

Devemos lembrar que lá pelos anos de 1930, época das primeiras escolas de samba, não havia o samba enredo, por isso, desfilava-se cantando os sambas de primeira, que tinham apenas uma estrofe (refrão), conforme lembram Dona Ivone Lara, Monarco, e Nelson Sargent, três encyclopédias do samba de terreiro.

Esses sambas, contam eles, não eram feitos exclusivamente para o carnaval. Eram compostos pelos sambistas de cada escola durante todo o ano. Na realidade, cada novo samba era apresentado no terreiro da escola, que servia de termômetro para medir sua aceitação. Seria um teste de qualidade. E ali ele podia emplacar e fazer sucesso ou cair no esquecimento, caso não agradasse. E as responsáveis por medir a criação eram as mulheres. Se elas cantasse, virava uma brasa. A expressão que se usava naquele tempo no terreiro da

Foto: Joaquim Corrêa, 2019.



Instrumentos.

Portela era: "o samba deu no terreiro". Quer dizer, o samba pegou. Sendo sucesso, poderia entrar para o repertório do desfile de carnaval. Lembrem: estamos falando dos anos de 1930, 1940 e meados dos anos de 1950.

Com o surgimento do samba enredo, o samba feito no terreiro passou a ser executado apenas nas rodas de samba, que continuavam acontecendo nos terreiros das escolas e durante o "esquenta" para o desfile. E assim eles passaram a ser conhecidos como "sambas de meio de ano".

Do esquecimento ao retorno – Por ficar restrito ao local, o terreiro das escolas de samba, muitos sambas de terreiro se perderam ou morreram junto com os sambistas compositores. A salvação foi a gravação de discos nos anos de 1950 e 1960, além, de outros que ficaram na memória de algumas pastoras ou de sambistas

como Monarco, Nelson Sargent, Surica e Dona Ivone Lara.

O terreiro foi dando lugar à quadra e a partir dos anos de 1970 as escolas começaram a se transformar no que são hoje: uma indústria do entretenimento que movimenta milhões de reais (ou de dólares,

como queiram). Com toda esta transformação, o samba de terreiro praticamente desapareceu nos anos de 1980. A quadra das escolas passou a ser espaço para festas eletrônicas nos finais de semana, atraindo muitos jovens.

Foto: Joaquim Corrêa, 2019



Samba de terreiro é resistência. Foto: Joaquim Corrêa, 2019

Somente em fins dos anos de 1990 que o samba de terreiro começa a respirar e ganhar sobrevida. No decorrer daquela década, jovens interessados pelo samba de terreiro começam uma intensa pesquisa de valorização desta forma de organizar o samba. Um bom exemplo está em Santa Catarina, mais exatamente em Florianópolis, com o surgimento do grupo Bom Partido (depois Um Bom Partido), que surge cantando samba de terreiro e lembrando grandes sambistas como Paulo Benjamin de Oliveira, Noel Rosa de Oliveira entre outros. Depois o movimento se espalhou para capital São Paulo e cidades próximas, além de Belo Horizonte, Uberlândia, Curitiba e Porto Alegre.

Hoje o samba, nos moldes do samba de terreiro, se espalha pelo Brasil e coloca em cena compositores totalmente desconhecidos para maioria dos sambistas da atualidade.

Carlos Alberto Silva - Professor universitário, pesquisador da cultura negra e membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)

CONSERVANDO O MOLHO ANTIGO

Por Jaqueline Henrique Cardoso

Espalhados pelos quatro cantos do país surgiram, a partir do final dos anos 1990, diversos agrupamentos voltados ao estudo, divulgação e valorização do samba de terreiro. A moçada sedenta por conhecimento garimpou preciosidades em arquivos, discos, livros e resgatou melodias e histórias adormecidas entre os jovens senhores e senhoras ligados as Velhas Guardas de Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Parte dessa Velha Guarda já não está mais conosco, mas os frutos colhidos pelos diversos movimentos de Samba de terreiro – alguns já extintos - continuam se espalhando, plantando novas sementes e conservando o molho antigo. Citamos alguns destes agrupamentos:

Agrupamento de Samba de Terreiro de Sorocaba – Sorocaba/SP (2021)

N. R. C Produto do Morro – Rio de Janeiro/RJ (2013)

Samba do Sindicatis – Curitiba/PR (2010)

NRP Tudo Azul Paulistano – São Paulo/SP (2008)

Instituto Glória ao Samba – São Paulo/SP (2007)

P.C.R.G.V Terra Brasileira – São Paulo/SP (2005)

Terreiro de Mauá – Mauá/SP (2002)

Não podemos deixar de mencionar o importante trabalho desenvolvido por alguns grupos e/ou movimentos que já não estão mais em atividade, como Grupo Um bom Partido (Florianópolis/SC), Morro das Pedras (São Paulo/SP), Resgate (Porto Alegre/RS), Roda de Uberlândia (Uberlândia/MG) – mas que abriram caminho para outros agrupamentos. Estas são algumas referências do que existe com foco no Samba de Terreiro. É um esforço do Samba de Terreiro de Floripa para valorizar e divulgar o que há de genuíno no samba, como diz mestre Monarco da Portela: “o puro suco”.

Afinal, Samba de Terreiro é Resistência!

Tuco Pellegrino

O paulistano Tuco Pelegrino é cantor, compositor e pesquisador. Integra o agrupamento Glória ao Samba e a ala de compositores da Portela. Participou do grupo Batalhão de Sambistas e Terreiro Grande, com o qual gravou dois CD's com Cristina Buarque, “Ao vivo” (2007) e “Homenagem a Candeia” (2009). Seu primeiro disco solo, “Peso é Peso” é de 2010. Participou, em 2015, do CD comemorativo dos 80 anos do Mestre Monarco, “Monarco 80 anos – Passado de Glória”. Este disco foi vencedor do tradicional Prêmio da Música Brasileira. Em 2016 lançou seu disco autoral “Na contramão do Progresso”.

Foto: Joaquim Carrêa, 2019



Tuco Pellegrino.

Rafael Lo Ré e Samba do Sindicatis

Rafael Lo Ré é um dos nomes de destaque da nova geração de sambistas de São Paulo apaixonados por uma batucada honesta, como diriam os sambistas de outrora. Dono de um vozeirão e de uma palhetada de cavaco conhecida

e apreciada em todas as rodas de samba de terreiro. Juntamente com os companheiros do Glória ao Samba, Rafael se dedica a recuperar parte da história das escolas tradicionais do Rio de Janeiro. Através de depoimentos de antigos sambistas, Lo Ré e o Instituto Glória ao Samba descobriram sambas inéditos que viviam apenas na memória de alguns sambistas. Entre essas raridades destacamos o samba de Binha do Salgueiro "Em 59 balançamos a roseira", cantada a Lo Ré pelo próprio Binha em 2008. Graças a este excelente trabalho, temos a possibilidade de conhecer algumas maravilhas dos primórdios do samba.



Samba do Sindicatis

Surgiu em Curitiba no ano de 2010 se autodenominam como uma Roda de samba com foco na pesquisa de sambas de terreiro, partido alto e outras brasas.

Fotograma: Jaque Cardoso. Roda no Teatro da UBRO com a participação de Rafael Lo Ré e Samba do Sindicatis. Data: 27 de julho de 2019.



Foto: Luiza Filipo, 2019.

SAMBA DE TERREIRO UM PACTO DE CULTURA COM FLORIANÓPOLIS!

O samba é um bonito modo de viver.

(Nelson Sargento)

Reocupados em divulgar parte do patrimônio cultural brasileiro, herdado pelas atuais gerações, um grupo composto por músicos, pesquisadores, jornalistas e produtores musicais, iniciou em janeiro de 2017, na Escadaria da Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, o Projeto: Samba de Terreiro,

com o objetivo de divulgar, preservar e resgatar parte importante da nossa cultura popular, manifesta através do samba, em particular do Samba de Terreiro, uma das manifestações culturais mais importantes da história do samba.

A Escadaria da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos

Homens Pretos foi escolhida por ser considerada a segunda Igreja mais antiga da Ilha, tendo sido erguida pelos próprios fiéis da Irmandade, inclusive escravizados. Primeiro, era uma pequena e rústica capela, nos fundos da Catedral Metropolitana da antiga Desterro, numa área ainda afastada do Centro e, reunia fiéis descendentes de africanos (escravizados ou re-

O Samba de Terreiro foi considerado patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Cultural e Artístico Nacional (IPHAN) em outubro de 2007, junto com o Samba-Enredo e o Partido Alto. O som dos cavacos, a batida dos pandeiros, o dançar dos sambistas, o chorar da cuíca, foram oficialmente incorporados como elementos que constituem a identidade nacional.

então governador da capitania de Santa Catarina, revelou que 22% da população existente eram pessoas escravizadas e que 1,8% da população geral eram de “forros”, escravizados que haviam conquistado a liberdade.

Outro censo, realizado em 1872, apontou a existência de 10% de escravizados e 13,8% de negros libertos, sendo que ¼ da população total era negra, estando escravizada ou não.¹

Embora tenham sido intensos os mecanismos para “apagar” a presença africana ou de seus descendentes na vida da capital catarinense, a verdade é que essa população expressava sua cultura, seus hábitos e costumes de maneira a imprimir inúmeras características na vida da cidade que se urbanizava, deixando marcas indeléveis. Os esforços para colocar a população negra na “invisibilidade social” não conseguiram impedir que esta população desenvolvesse práticas culturais que deixaram raízes na cidade.

Se não era permitido a população negra participar de atividades festivas, como danças, cantorias e toques, impedida pelo “Código Negro” ou pelas proibições locais, como a Postura Municipal de 1831, que determinava: “*São proibidos daqui em diante os ajuntamentos de escravos ou libertos, para formar danças ou batuques ... supostos Reinos Africanos ... e, todos que contrariarem serão multados. Sendo liberto e não tendo com que pagar terá de 4 a 8 dias de cadeia e sendo cativeiro ... será castigado conforme a lei e seu senhor pagará as despesas municipais*”, com a proibição se estendendo a permanência nas ruas depois do anoitecer e ao sentar-se

nas portas de estabelecimentos comerciais, não impediram que esta população praticasse toda a sorte de festejos que expressavam sua cultura e sua ancestralidade como: batuques, capoeiras e congadas, inclusive se reunindo em “Irmandades” que angariavam fundos e compravam alforrias.

Estas restrições não eram aceitas com passividade, as fugas e a formação de quilombos foram formas de resistência adotadas com frequência.

Os registros sobre a origem dos africanos escravizados que chegaram à Ilha do Desterro normalmente se referem ao porto africano onde embarcaram e indicam a majoritariamente presença do povo Banto, entre eles aqueles originários da África Central, como: Congo, Cabinda, Moçambique, Costa, Monjolo e Mina².

Até a abolição, a população negra, em Florianópolis, habitava a região central da cidade, no perímetro urbano, nas cercanias da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e na encosta do Morro do Menino Deus, “na Tronqueira no caminho ao Antão e as vizinhanças do Campo do Manejo, as ruas que ficavam por detrás da Matriz ... O bairro da Toca, para além da ladeira do Menino de Deus era o bairro dos pescadores ... o bairro da Figueira era o dos marinheiros, onde ficavam o trapiche e as prostitutas”.³

O processo de urbanização pelo qual passou Florianópolis, expulsou as comunidades pobres, entre elas

2 MALAVOTA, Claudia M.: “Construindo Vidas na Diáspora”, Revista História (São Paulo) v.32, n.1, p. 281-303, jan/jun 2013 ISSN 1980-4369

3 SANTOS, André L.: “Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis”, tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da UFSC, 2009

as de origem africana, para fora do espaço urbano central, utilizando – sobretudo – as epidemias e as questões de higiene pública. A partir dos primeiros anos do século XX, com a abertura de avenidas que surgiam com as propostas de saneamento urbano, essas populações espremidas pela necessidade da busca de trabalho e das questões de sobrevivência, sem transportes coletivos nem estradas para locais mais longe, acabaram se alojando nos morros centrais da cidade. No lado leste do Maciço do Morro da Cruz, as comunidades mais antigas e tradicionais, como as dos morros do Mocotó, da Marquinha, Monte Serrat (ou Morro da Caixa), Tico-Tico e do Céu, que se concentram mais próximas da região central, possuem características socio culturais muito semelhantes, sendo que três delas reúnem a tradição e a história do Carnaval florianopolitano, com suas escolas de samba: o Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa (Mocotó), a Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord (Monte Serrat), Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Dascuia (Morro do Céu) e Unidos do Morro do Céu (grupo de acesso). No outro lado, os morros da Serrinha, do Horácio, da Penitenciária e do Alto da



Caieira, em cujo pé do morro está sediado o Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado.

As escolas de samba cumprem um papel importante na divulgação da história das comunidades através dos enredos que apresentam anualmente na Avenida. "Eu sou filho do batuque", "Neto do Abatá-kotô", "Negros em Desterro", "Zininho" e "Cruz e Souza" foram enredos apresentados nos carnavales de Florianópolis que marcaram sua época e contribuíram para melhor compreensão da história daqueles que ajudaram a construir a cidade.

É sempre bom relembrar que, em 1989, a Embaixada Copa Lord desfilou com o enredo "A hora e a vez do Morro" e que, no dia do desfile, havia uma faixa com os seguintes dizeres: "Moro no morro e sou feliz!".

Considerando esse contexto histórico e social, o Projeto Samba de Terreiro definiu seus objetivos:

Divulgar e valorizar o samba de terreiro, parte do nosso patrimônio cultural, considerado como bem imaterial brasileiro através da inscrição no Livro de Registro das Formas de Expressão do IPHAN, desde 2007.

Apresentar e contextualizar os sambas que fizeram sucesso nos terreiros

das escolas no período dos anos de 1920 a 1970, no Rio de Janeiro e, posteriormente, nas escolas de samba de Florianópolis. Os sambas são tocados e cantados por músicos que defendem a cultura popular e contribuem para construir a história musical da cidade;

Realizar a roda de samba nos moldes do que era tocado/cantado nos terreiros das escolas de samba a partir dos anos de 1920, com os devidos instrumentos de percussão (surdo, cuíca, tamborim, pandeiro), além de cavaco e violão;

Respeitar e divulgar as características do Samba de Terreiro ou de quadra na sua forma de execução e de andamento.

Abrir a roda a novos talentos, que trabalhem para a preservação da memória do samba e das Velhas Guardas.

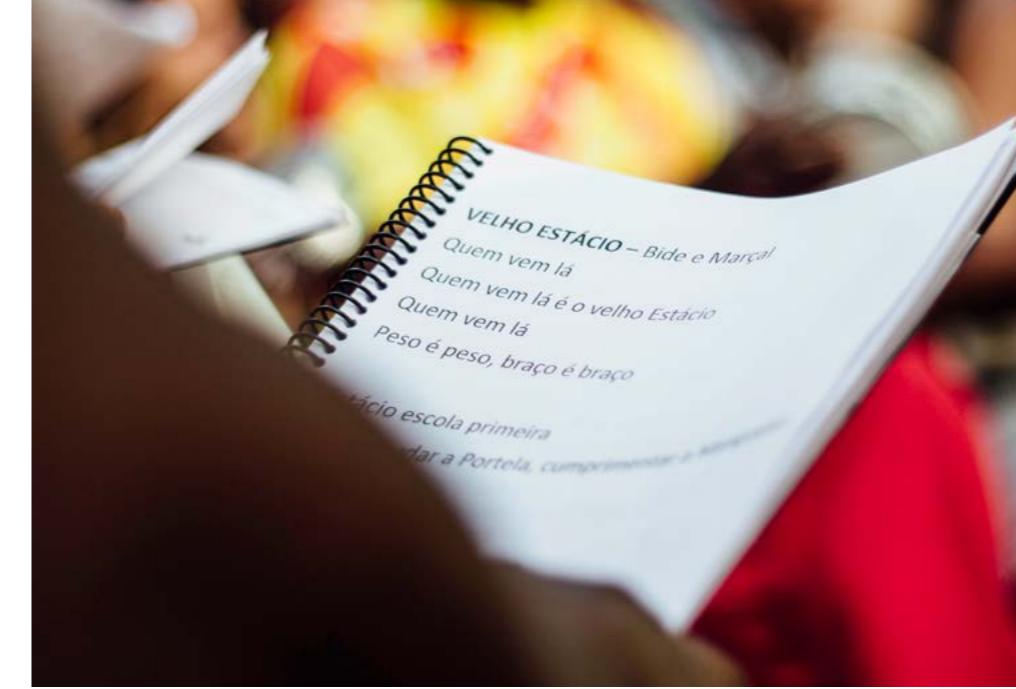
Ocupar o espaço público com atividades que expressem a importância da cultura popular na construção do cotidiano da cidade.

O centro de Florianópolis é carente de atrações públicas de qualidade, que promovam a nossa cultura, informem as novas gerações sobre a herança cultural que somos portadores, divulgue para nossos hábitos e costumes mais relevantes e contribuam para a preservação de nosso patrimônio imaterial.

Neste sentido, o Projeto Samba de Terreiro vem cobrir esta carência com suas apresentações periódicas, públicas e gratuitas, constituindo-se num pacto de cultura que um grupo de músicos, pesquisadores, jornalistas, produtores musicais e os participantes firmam com a cidade, contribuindo para tornar Florianópolis uma cidade ainda melhor de se viver e visitar!

(Carmen Evangelho)

Imagen: Bruno Barbi. Morros de Florianópolis - imagem usada para ilustrar uma das camisetas do projeto em 2020.



Música Velho Estacio.

Foto: Giuliane Gava, 2017

PRIMEIRA ESCOLA DE SAMBA DEIXA FALAR

O Bloco Deixa Falar surgiu em 1928.



*"Quem vem lá
Quem vem lá é o velho Estácio
Quem vem lá
peso é peso, braço é braço
Estácio, escola primeira
Veio saudar a Portela, cumprimentar a Mangueira"
Quem vem lá*

(Bide e Marçal)



SAMBA VALENTE

Esse samba "Valente"; da dupla Bide e Marçal faz parte do repertório do Projeto Samba de Terreiro de Florianópolis. O samba quando é chamado de valente, tem uma pegada mais para a frente - sem ser acelerado - é um samba forte e vigoroso, um pouco menos cadenciado.

ALGUNS COMPOSITORES DO ESTÁCIO

Mano Rubem (Rubem Barcelos), **Mano Aurélio** (Aurélio Gomes), **Baiaco** (Osvaldo Caetano Vasques), **Brancura** (Sílvio Fernandes), **Bide** (Alcebiades Maia Barcelos), **Ismael Silva** (Milton de Oliveira Ismael Silva), **Benedito Lacerda**, **Mano Edgar** (Edgar Marcelino dos Passos), **Nilton Bastos**;

No final dos anos de 1920, surgiu no bairro carioca do Estácio uma sa-

fra de compositores que abasteceu os cantores de rádio com muitos sucessos. Esses compositores foram responsáveis pela transformação do samba como era até então conhecido e, pela criação das escolas de samba que hoje conhecemos. Naqueles anos, nasceu no Estácio, um bloco carnavalesco diferente: o “Deixa Falar”, que desfilou em 1929 ao som de Bum Bum Paticumbum Prugurundum - como dizia o Ismael

Silva - com surdo, cuíca e tamborins marcando um novo andamento e expressão melódica no samba. Esse bloco foi o precursor das atuais escolas de samba. O Deixa Falar teve uma vida curta, desfilando de 1929 a 1931, porém o espírito estaciano de seus componentes, posteriormente, se manteve vivo nas composições de grandes nomes do samba.

Imagem: Samba de Terreiro Florianópolis com os convidados Tuco Pelegrino (Instituto Glória ao Samba) e Thiago Belisário (NRC. Produto do Morro)
Foto: Joaquim Corrêa, 2019



Foto: Joaquim Corrêa, 2019

Foto: Sérgio Vignes, 2019



Foto: Sérgio LDS, 2017



Surdo e Tamborim.

CURIOSIDADES SOBRE A DEIXA FALAR

Organizado próximo a uma “Escola Normal”, o bloco Deixa Falar de 1928, se auto denominava “os professores do lugar”. Diziam que a “Escola Normal” formava professores para rede escolar de ensino e eles formavam professores para o samba. Em diversos depoimentos Ismael Silva mencionou que o nome escolas de samba, nasceu nesse Bloco do Estácio. Nei Lopes (2013), no entanto, levanta a possibilidade desta nomenclatura ter vindo dos Ranchos carnavalescos que, também, eram chamados de “Rancho-Escola”.

O Deixa Falar entrou na Praça Onze “falando mais alto”. Bide introduziu o tamborim no samba e foi, também, o inventor do surdo, instrumentos que compunham a bateria do Deixa Falar, pioneira no samba batucado, tendo a percussão como seu forte.

Em 1929, os sambistas do Estácio foram fazer uma visita à Mangueira, e Cartola fez o samba “Velho Estácio” para recebê-los;

*Muito velho, pobre velho,
Vem subindo a ladeira
Com a bengala na mão
É o velho, velho Estácio
Vem visitar a Mangueira
E trazer recordação
Professor chegaste a tempo
Prá dizer neste momento
Como podemos vencer
Me sinto mais animado
A Mangueira a seus cuidados
Vai à cidade descer.*

Um dos sambas cantados pelo “Bloco-Escola de Samba” Deixa Falar e União Faz a Força foi “Ando Sofrendo” do sambista histórico Mano Rubem¹. Alguns autores mencionam

¹ Mano Rubem (Rubem Barcelos) era o irmão mais jovem de Bide. Faleceu aos 23 anos de idade com tuberculose e teve um único samba gravado – Ando Sofrendo – 10 anos após o seu falecimento.

Mano Rubem - fundador do Bloco União Faz a Força - como o criador dessa linha de samba, hoje chamada de Samba do Estácio.

Em 1931, Francisco Alves gravou o samba “Meu Batalhão”, de Ismael Silva e Nilton Bastos, sendo este, provavelmente, o registro mais antigo do som de uma cuíca². Nessa época, a cuíca ainda não executava as notas agudas e sua função era marcar o tempo do samba, como o surdo faz atualmente.

² A cuíca (muitas vezes chamada de puíta) já era utilizada antes do samba, porém nesse momento ela ganhou uma importância diferente. O instrumento compunha a bateria do Deixa Falar e da União Faz a Força do Estácio e era tocada por João Mina, um veterano sambista daquela região do velho Estácio. Numa entrevista ao jornal A Nação, em janeiro de 1945, ele revelou-se o inventor da cuíca do jeito que conhecemos hoje. Como a revelação jamais foi contestada, não custa nada deixar para o velho João Mina a glória de ter inventado ou levado ao samba a cuíca (CABRAL, 1996).

O QUE DIZ SÉRGIO CABRAL SOBRE O ESTÁCIO?

"Aquela geração de compositores do Estácio, tinha muito orgulho de seu bairro", como indica a letra deste samba do Bide, lançado pelo Bloco "A União Faz a Força", em 1927.

"sempre vencemos, nunca perdemos

*o nosso time é o Estácio
vamos pra balança
não damos confiança
peso é peso braço é braço"*

(CABRAL, 1996, p 41).



Foto: Joaquim Corrêa, 2019

O SAMBA NOS BARES BOTEQUINS

"Baiaco¹ nem gostava de ouvir falar em trabalho", afirmou Bide em depoimento ao Museu da Imagem e do Som. Mas, honra seja feita, era um ótimo ritmista muito competente e participou de várias gravações de samba nos primeiros anos da década de 1930. Também deixou, com os sambas que gravou, a dúvida sobre a verdadeira autoria.

[...] Ismael, assegurou-me que Arrasta a Sandália não era absolutamente de autoria de Baiaco e Aurélio"

(CABRAL, 1996, p. 56).

¹ Baiaco era o apelido de Osvaldo Caetano Vasques.

[...] Uma das primeiras atividades profissionais de Luiz Gonzaga, ao chegar ao Rio de Janeiro, foi a de tocar sanfona na Zona do Mangue. Benedito Lacerda apresentou-se muitas vezes por lá com sua flauta".

(CABRAL, 1996, p.54,55).



Foto: Joaquim Corrêa, 2019

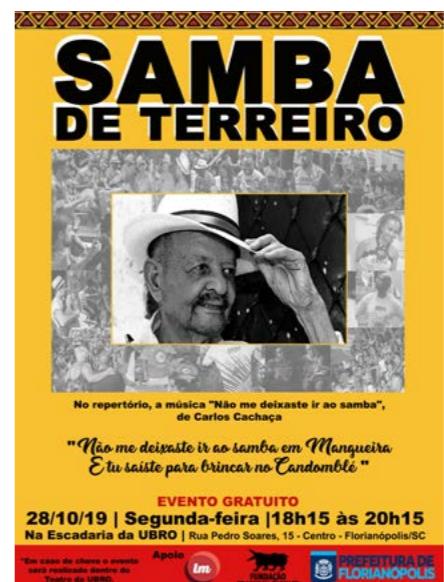
Cabrocha dançando..

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

*"Chega de demanda
Chega!
Com esse time temos que ganhar
Somos da Estação Primeira
Salve o Morro da Mangueira"*

Chega de demanda

(Cartola)



Cartaz: Akin Reis

ALGUNS COMPOSITORES DA MANGUEIRA

Cartola (Angenor de Oliveira), **Carlos Cachaça** (Carlos Moreira de Castro), **Babau** (Waldomiro José da Rocha), **Padeirinho** (Oswaldo Vitalino de Oliveira), **José Ramos** (José Marcelino Ramos), **Zagaia** (Jorge Isidoro da Silva), **Chico Modesto** (Francisco Modesto), **Alfredo Português** (Alfredo Lourenço), **Xangô da Mangueira** (Olivério Ferreira), **Tantinho** (Devani Ferreira), **Comprido** (José Luiz de Moraes), **Nelson Sargentão** (Nelson Mattos), **Zé Com Fome ou Zé da Zilda** (José Gonçalves), **Gradim** (Lauro dos Santos), **Zé Espinguela** (José Gomes da Costa), **Maçu** (Marcelino José Claudino).

CURIOSIDADES SOBRE A MANGUEIRA

Um dos sambas cantado pela Estação Primeira de Mangueira no seu primeiro desfile, em 1929, foi Chega de Demanda, autoria de Cartola.

Em 1936, foi lançado o samba “Não quero mais amar a ninguém”, de Cartola e Carlos Cachaça, que apresenta uma linha de compasso característico dos sambas estacionários, tendo o refrão com alguns compassos específicos e a segunda parte com versos improvisados. Esse tipo de samba, ficou marcado nos primeiros desfiles das Escolas de Samba. (SANDRONI, 2012; CABRAL, 1996).

A Mangueira era a primeira Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil no ramal de Deodoro, o que provocou o nome Estação Primeira de Mangueira. Tanto o nome quanto as cores foram sugeridas por Cartola. O verde e rosa da Mangueira¹ eram as cores do Rancho Arrepiados, que Cartola conheceu na infância, quando foi morar em Laranjeiras. Outra marca que o bairro deixou no grande compositor foi sua paixão pelo Fluminense Futebol Club. Quanto ao nome Mangueira, Cartola já utilizava num samba que fez para o Bloco Arengueiros chamado; “Chega de demanda”. (CABRAL, 1996, p.65)

O compositor Carlos Cachaça (1902-1999), revelou, em entrevista reproduzida no livro “As Escolas de Samba do Rio de Janeiro” que, na sua infância, embora houvesse carnaval, não havia samba em Mangueira. Inclusive, foi testemunha da primeira vez em que se cantou um samba

por lá. “E quem cantou nem pertencia à comunidade: foi Elói Antero Dias, o Mano Elói (1888-1971), um personagem muito importante da negritude carioca, tanto pelas suas atividades no Candomblé quanto no mundo do samba, foi um dos fundadores das Escolas de Samba como Deixa Malhar e Império Serrano. Trabalhou durante anos no Cais do Porto, onde também se destacou pela militância sindical. Carlos Cachaça não se lembrava da época exata em que o samba foi introduzido na Mangueira por Mano Elói, mas o fato é que, em 1926 (antes, portanto, da fundação do Deixa Falar), o morro já era conhecido como um reduto de sambistas, como demonstra o samba de Manuel Dias.

*“Eu fui a um samba
Lá no morro de mangueira
Uma cabrocha
Me falou desta maneira
Não vá fazer
Como fez o Claudionor
Que pra bancar a família
Foi bancar o estivador”.*

(CABRAL, 1996, p.63)

Numa entrevista que concedeu ao Diário Carioca, em fevereiro de 1934, Carlos Cachaça² revelou que o primeiro compositor de samba da Mangueira foi Zé Boleiro: “Depois vieram Antonico e Arturzinho”, revelou.

A Mangueira era um canteiro de

¹ No livro *Um certo Geraldo Pereira*, é mencionado a existência de um rancho no Morro de Mangueira chamado; o Príncipe das Matas, nas cores verde e rosa.

² Carlos Moreira de Castro

manifestações de cultura popular. Sua população era formada, principalmente, por imigrantes oriundos do interior dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. A cantoria e a dança do jongo faziam parte da rotina de seus moradores. Entre o Natal e o Dia de Reis, conjuntos de pastorinhas percorriam o morro. Carlos Cachaça, que testemunhou a ocupação de Mangueira, identificou o Rancho Pérolas do Egito como o primeiro grupo carnavalesco do local, sendo seguido por vários outros ranchos, grupos de choro e blocos carnavalescos, entre eles o “Bloco dos Arengueiros”, criado por sugestão de Zé Espinguela, também chamado de Zé Spineli. O Bloco dos Arengueiros desfilou pela primeira vez em 1927, comandado por Cartola, Satur³, Carlos Cachaça, Maçu⁴, além dos veteranos Zé Boleiro, Antonico e Artuzinho. Talvez alguns dos citados no samba de Carlos Cachaça, composto antes da criação do Bloco, também tenham desfilado;

*“Que harmonia lá em Mangueira
Que dá prazer de se brincar
O Laudelino no seu cavaco
Fazendo coisas de admirar*

*De repente formam um enredo
Que até causa sensação
O Armandinho chega na flauta
Alípio sola no violão*

*Na nossa frente tem Angenor
José da Lúcia tem Batelão
O reco-reco toca sozinho
E a tropa toda bate na mão*

*Falta Otávio que eu não falei
Falta Aristides, falta Martim
Falta Simão na mesa de umbanda
Falta Pedrinho no tamborim*

*Canta no coro Carlos Cachaça
Fazendo voz com o Expedito
Para terminar esta folia
O Marcelino dá o apito*

(CABRAL, 1996, p. 61-63)

Zé Espinguela era José Gomes da Costa, uma lenda do samba.
Saturnino Gonçalves
Marcelino José Claudino.

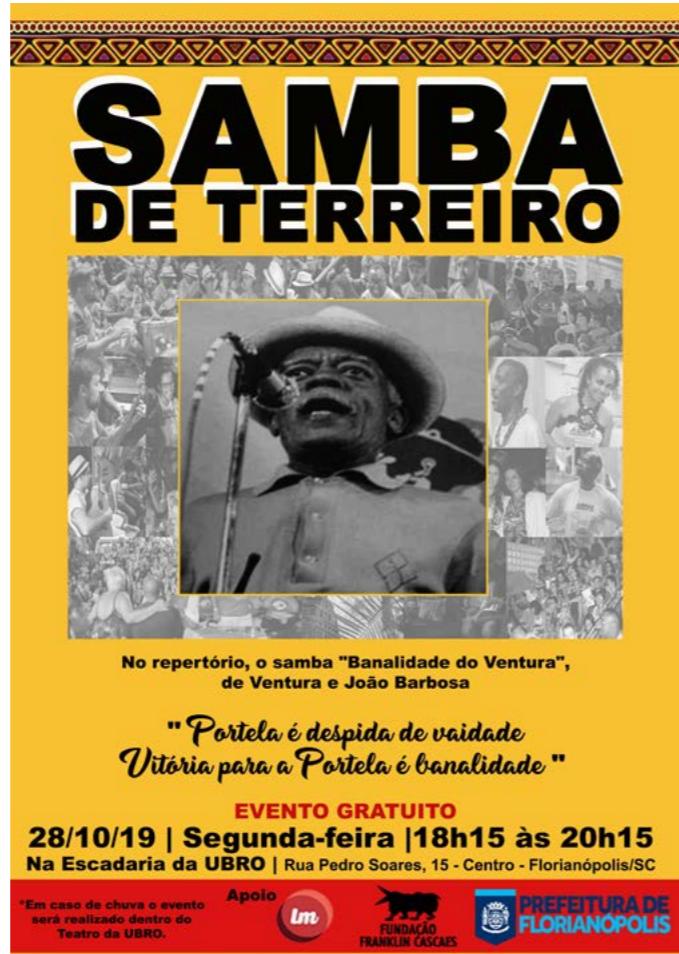
PORTELA

"Portela,
É despedida de vaidade
Vitória
Pra Portela é banalidade
É banalidade, é banalidade
É banalidade, é banalidade"
Banalidade

(Ventura e João Barbosa)

ALGUNS COMPOSITORES DA PORTELA

Paulo da Portela (Paulo Benjamim de Oliveira), **Antônio Rufino** (Antônio Rufino dos Reis), **Antônio Caetano**, **Heitor dos Prazeres**, **João da Gente** (João Rodrigues de Souza), **Manacéa** (Manacéa José de Andrade), **Mijinha** (José Augusto de Andrade), **Aniceto** (Aniceto José de Andrade), **Chico Santana** (Francisco Santana), **Ventura** (Boaventura dos Santos), **Alberto Lonato** (Alberto Lonato da Silva), **Alcides Malandro Histórico** (Alcides Dias Lopes), **Bubu** (Jorge de Oliveira), **Jair do Cavaquinho** (Jair Araújo da Costa), **Casquinha** (Otto Enrique Trepte), **Candeia** (Antônio Cadeia Filho), **Monarco** (Hildemar Dinniz), **Alvarenga** (Oswaldo dos Santos), **Chatim** (Tompson José Ramos), **Alvarenga** (Ernani Alvarenga).



Cartaz: Akin Reis

CURIOSIDADES SOBRE A PORTELA

Em 11 de abril de 1923 nasce o bloco Baianinhas de Osvaldo Cruz - bloco embrião da querida Portela - para competir com o Quem Fala de Nós Come Mosca, de Dona Ester. Um desentendimento no Baianinhas levou Antônio Rufino, Antônio Caetano e Paulo da Portela a criarem o Conjunto Osvaldo Cruz (1926), que posteriormente se chamou Quem Nos Faz é o Capricho, seguido de Vai Como Pode, para, então, em 1935 receber o glorioso nome Portela.



O primeiro título da Portela foi em 1935, com o samba "Alegria tu terás" de Antônio Caetano e "Linda Borboleta" de Paulo da Portela.



Em 1939, a Portela foi campeã com um dos primeiros samba-enredo da história: "Teste ao Samba". Em frente a comissão julgadora, Paulo da Portela, vestido de professor, entregava canudos (diplomas) aos integrantes da Escola fantasiados de alunos. O resultado foi impactante!



No carnaval de 1941, Paulo da Portela, Cartola e Heitor dos Prazeres – que formavam o Conjunto Carioca – se apresentaram em São Paulo. Na volta ao Rio, em plenos festejos de Momo, não houve tempo de trocar de roupa e o trio combinou de desfilar em suas respectivas Escolas com o traje preto e branco do conjunto que participavam. Paulo desfilou na Mangueira de Cartola sem problemas. Mas ao chegar na Portela, foram impedidos de desfilar, por não trajarem o azul e branco exigido por Paulo aos integrantes da sua Escola. Por não aceitarem seus amigos no desfile, Paulo da Portela deixou a Escola que fundou e passou a integrar a Lira do Amor, pequena escola do subúrbio carioca de Bento Ribeiro. Paulo não retornaria a Portela em vida. Antes de falecer - vítima de ataque cardíaco, aos 47 anos - Paulo fez um samba lamentando contra a sua saída, "O Meu Nome Já Caiu No Esquecimento".

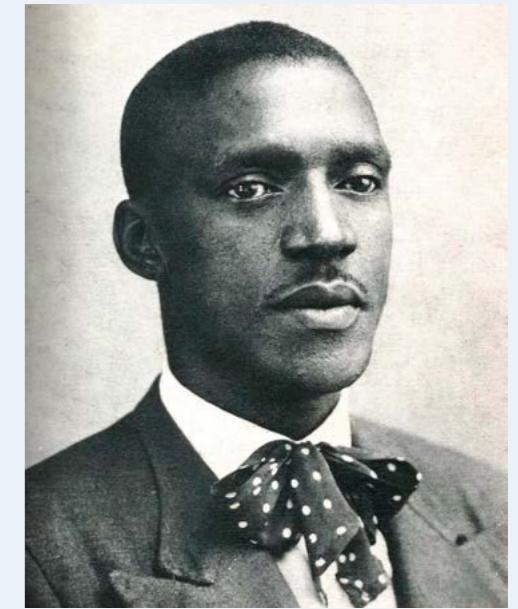


Imagem: Paulo Benjamin de Oliveira, popularmente conhecido como Paulo da Portela. Seu apelido é uma referência a Estrada do Portela, uma via que corta os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz.

*O meu nome já caiu no esquecimento
O meu nome não interessa a mais ninguém*

*E o tempo foi passando
A velhice vem chegando
Já me olham com desdém
Ai quanta saudade do passado
Que se vai lá no além*

*Chora cavaquinho chora
Chora violão também
O Paulo no esquecimento
Não interessa a mais ninguém*

*Chora Portela, minha Portela querida
Eu que te fundei, serás minha toda a vida*



Mesmo rompido com a Escola, Paulo da Portela foi o anfitrião que recebeu Walt Disney na quadra da Portela em 1941. Como Disney estava acompanhado de desenhistas, acredita-se que o personagem Zé Carioca nasceu naquele contexto. Além de Paulo da Portela, sambistas de outras Escolas de Samba também acompanharam a visita, entre eles Cartola da Mangueira.



O último desfile da Portela e das demais escolas na Praça Onze – já praticamente destruída - foi em 1942.



Arte: Bruno Barbi, 2021

Em 1938, Dagmar, cunhada de Natal, que tocava surdo, entrou para a história do Carnaval como a primeira mulher a desfilar numa bateria de escola de samba.

(CABRAL, 1996).

A chegada de Dona Ester no bairro de Oswaldo Cruz foi muito importante para a criação da Portela. Foi ela que fundou o bloco “Quem fala de nós come mosca”, um dos principais embriões da Portela

(CABRAL, 1996).

“Há certo consenso entre os que conhecem a história da Portela de que Paulo, como um líder nato, foi essencial para que a Escola de Oswaldo Cruz se estruturasse. Talvez ele seja ele o exemplo mais significativo do sambista que buscava manter boas relações com o poder público, almejando uma aceitação que pudesse representar a dignificação social dos negros que faziam samba”.

(SIMAS, 2012, p.43)

Foto: Giuliane Gava, 2017

Nossa bandeira, o nosso pavilhão, nasceu das mãos do artista Bruno Barbi. Tem no seu centro a cor vermelha para homenagear a primeira Escola de Samba de Florianópolis- “Os Protegidos da Princesa”; a cor ouro homenageia a “Escola de Samba Copacabana” cuja Velha Guarda participa do nosso Projeto; a barrica representa os primeiros instrumentos de percussão do samba; a parte de cima da Igreja e a coroa são uma homenagem à Nossa senhora do Rosário- na escadaria em frente à igreja, aconteceram as primeiras rodas de samba do Projeto; os louros são pela conquista de cada um dos amantes do samba; o preto na bandeira referencia o logotipo do Projeto desenhado em preto; o branco resgata as tradições religiosas africanas que abrigaram o samba; e os raios são uma referência aos primeiros pavilhões de escola de samba no Brasil- um belo exemplo é a bandeira da Portela.

Paulinho da Viola criou a primeira Velha Guarda musical ligada as escolas de samba em 1970 - a Velha Guarda da Portela. A expressão Velha Guarda foi uma homenagem do compositor ao Grupo da Velha Guarda¹, que tinha como arranjador Pixinguinha.

(ARAUJO; FILHO, 1978).

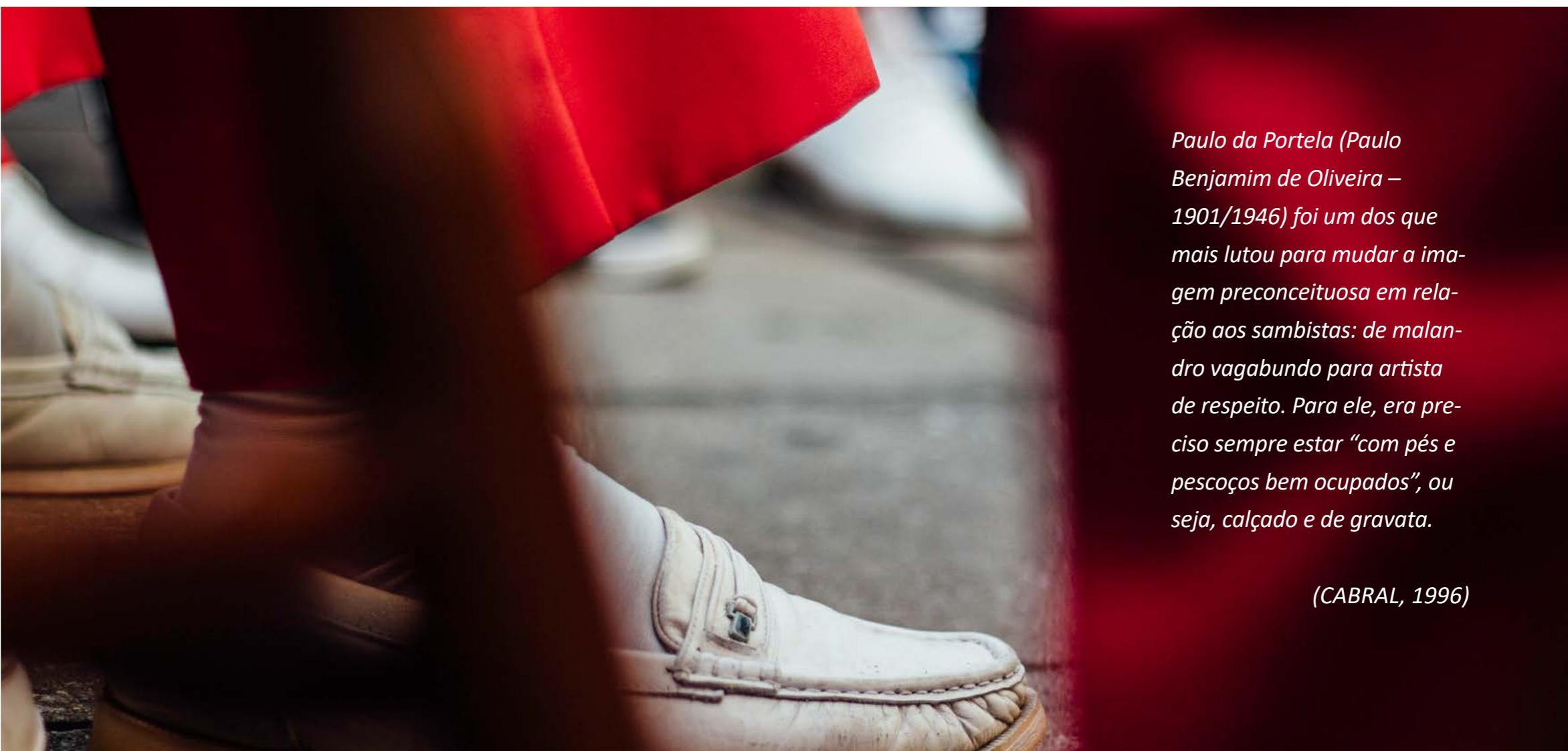
¹ O conjunto existiu entre 1931 e 1933 e tinha como marca a diversidade de estilos, repertórios e instrumentos em suas gravações. Agregava compositores da “Pequena África” e da “Cidade”. As músicas da turma do Estácio gravadas pelo grupo já incorporavam a levada característica daquele núcleo (fonte: www.pixinguinha.org.br).

■■■■■

Paulo da Portela procurava pastoras para desfilar pela Escola e se comprometia com os pais a tomar conta das moças. A ideia inicial do Paulo, Rufino e Caetano² era fazer da Portela um grupo familiar, organizado, que pudesse se apresentar em qualquer lugar sem problemas. Caetano relata que nunca imaginou que a escola pudesse chegar a imponência de hoje.

(ARAÚJO; FILHO, 1978, p. 17)

² Antonio Rufino dos Santos e Antonio Caetano, compositores, fundadores da Portela



Paulo da Portela (Paulo Benjamim de Oliveira – 1901/1946) foi um dos que mais lutou para mudar a imagem preconceituosa em relação aos sambistas: de malandro vagabundo para artista de respeito. Para ele, era preciso sempre estar “com pés e pescos bem ocupados”, ou seja, calçado e de gravata.

(CABRAL, 1996)

IMPÉRIO SERRANO

*O branco é paz
O verde é esperança
Diz o ditado quem espera
alcança
Eu esperei
E alcancei
Império tudo por ti farei"*

*O branco é paz, o verde é
esperança*

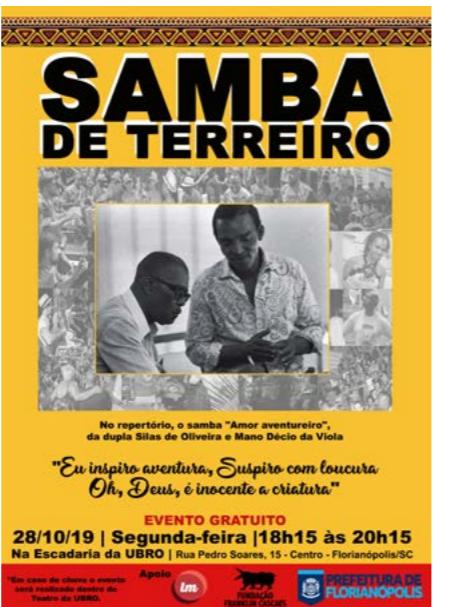
(Antenor Bexiga)

ALGUNS COMPOSITORES DO IMPÉRIO SERRANO

Silas de Oliveira, Mano Décio da Viola (Décio Antônio Carlos), Dona Ivone Lara (Yvonne Lara da Costa), Tio Hélio (Hélio dos Santos), Mestre Fuleiro (Antônio dos Santos), Molequinho (Sebastião de Oliveira), Carlinhos Bem-Te-Vi (Carlos Olímpio Coutinho), Mano Elói (Elói Antero Dias), Avarese (Abimael Nascimento Álvares), Antenor Bexiga (Antenor Rodrigues de Oliveira), Aluízo Machado, Beto Sem Braço (Laudeni Casemiro), Manulo (Mario Feliciano).



Foto: Sérgio LDS, 2017



Cartaz: Akin Reis

CURIOSIDADES SOBRE O IMPÉRIO SERRANO

O Império Serrano nasceu em 1947, de uma divergência entre os integrantes do Prazer da Serrinha, escola de samba comandada por Alfredo Costa. A nova escola do Morro da Serrinha já nasceu grande, organizada e democrática. Contava com a experiência adquirida no Prazer da Serrinha e na organização dos estivadores, profissão de alguns membros fundadores do Império Serrano. Entre seus fundadores estavam entre outros: Mano Elói, Molequinho, Aniceto e Tia Eulália.

Dona Ivone Lara foi madrinha da Ala de Compositores do Império Serrano e uma das primeiras¹ mulheres a fazer samba no Brasil – compondo desde muito jovem para o Prazer da Serrinha. Entretanto, devido sua condição de mulher, somente assinou seu primeiro samba-enredo em 1965, numa parceria com Silas de Oliveira e seu amigo Bacalhau.

O "Branco é paz, o verde é esperança", é o primeiro samba de terreiro, ou de quadra do Império, foi composto por Antenor, o criador das cores da agremiação, que não perdeu a oportunidade de explicar o simbolismo: "branco é paz, o verde é esperança".

(FILHO; SILVA, 1981, p. 76)

1 Em 1933 a Escola de Samba Unidos da Tijuca tinha o samba assinado por, Amália Pires, autora de, entre outros, do samba: "Na muda da Tijuca
Onde reside a Unidos
Salve o bloco das Baianas
Saímos com harmonia
Para enfrentar a filia"
O improvisador, mestre de canto, era Alceu Maranhão. A figura do improvisador era fundamental nos desfiles, já que nessa época não se cantava a segunda parte (CABRAL, 1996).

A Escola de Samba Império Serrano, que fez sua estreia na noite de 31 de dezembro de 1947, num desfile promovido pelo jornal A Manhã, foi a vencedora do Carnaval de 1948. Além de apresentar-se com todos os componentes fantasiados, o que não era habitual nos desfiles, deu um show de harmonia, consagrando Mestre Fuleiro como um dos grandes especialistas na arte de organizar um desfile de escola de samba. Foi ele que lançou a frigideira como instrumento de bateria. Em meados da década de 1950, uma portaria da Chefia de Polícia do Rio de Janeiro proibiu as escolas de samba de usar a frigideira como instrumento de percussão. O prato metálico também foi introduzido aos instrumentos da bateria do Império².

(CABRAL, 1996, p. 157, 158)

2 Lembrando que o agogô tradicional de duas bocas se popularizou nas Escolas de Samba pelo Mestre Darcy do Jongo. Já o agogô de quatro bocas, este foi criado e introduzido nas Escolas de Samba por Edgard Telles. Ambos no Império Serrano.

Aniceto do Império tinha muita facilidade para se comunicar, mesmo tendo deixado os estudos, em 1926, antes de completar o curso primário. "Já era uma hora da manhã quando o ensaio foi interrompido para que o compositor Aniceto, orador oficial do Império Serrano saudasse os visitantes. Para surpresa geral, ele abriu seu discurso em francês: Nous avons de plaisir avec la présence de nos illustres invités"

(CABRAL, 1996)

O professor Assumpção - pai de Silas de Oliveira - era pastor protestante e via o samba como uma "manifestação do mal". Esta atitude marcou o compositor desde os tempos de criança. As palavras "tentação" e "obsessão" serão constantes nos temas de seus sambas de quadra; um exemplo é o samba "Meu Drama" composto em 1955.

(FILHO; SILVA, 1981), (CABRAL, 1996)



Foto: Joaquim Corrêa, 2019



Foto: Joaquim Corrêa, 2019.

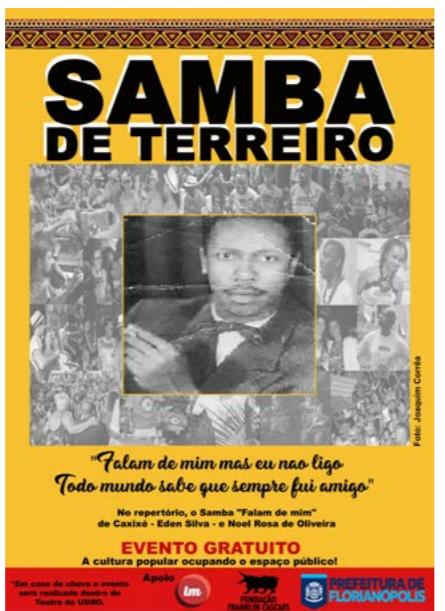
Roda em homenagem ao Salgueiro com a participação de Tuco Pellegrino.

SALGUEIRO

*"Vamos balançar a roseira
Dar um susto na Portela
No Império, na Mangueira
Se houver opinião
O Salgueiro apresenta
Uma só união"*

Vamos balançar a roseira

(Geraldo Babão)



Cartaz: Akin Reis, com participação de Carlos Raulino e Andreza Simões.

ALGUNS COMPOSITORES DO SALGUEIRO

Antenor Gargalhada (Antenor Santíssimo de Araújo), **Noel Rosa de Oliveira**, **Anescarzinho** (Anescar Pereira Filho), **Geraldo Babão** (Geraldo Soares de Carvalho), **Djalma Sabiá** (Djalma de Oliveira da Costa), **Guará** (Jaguarybe Santiago), **Caxiné** (Eden Silva), **Duduca** (Eduardo de Oliveira), **Bala** (João Nicolau Carneiro Firmo), **Zuzuca** (Adil de Paula).

CURIOSIDADES SOBRE O SALGUEIRO

Em 1953, três pequenas Escolas de Samba do Morro do Salgueiro participaram do desfile: "Depois eu digo", "Azul e branco" e "Unidos do Salgueiro". Naquele ano, a melhor colocação foi um sexto lugar conseguido pelo Unidos do Salgueiro. Logo após o resultado, muitos sambistas começaram a se colocar contra a divisão de forças no Morro. Foi então que, Geraldo Babão teve a ideia de unir as Escolas. Da junção da "Depois eu digo" com a "Azul e Branco", nasceu no dia 5 de março de 1953, a Acadêmicos do Salgueiro. Curiosamente, a Escola Unidos do Salgueiro, de Geraldo Babão, foi a última a aderir a junção pois, na primeira reunião, o integrante Casemiro Calça Larga se mostrou contrário a união.

(CABRAL, 1996)

Dentro das manifestações populares que eram cultivadas no Salgueiro estavam o Caxambú, Carimbó, Folia de Reis, Calango e Samba de Roda.

(CABRAL, 1996)

"Oh! Nega" foi um samba composto por Antenor Gargalhada em 1930, para sua Escola Azul e Branco, gravada em disco somente na década de 1970 por Geraldo Babão. Além de ter reconhecimento como compositor, batuqueiro e partideiro, Antenor Gargalhada também se destacou no Morro do Salgueiro por defender os moradores locais contra uma ação de despejos impetrada por um italiano que comprou o morro.

(CABRAL, 1996); (LOPES, 1981)

A Escola Unidos do Salgueiro nasceu de embriões de blocos, sendo um deles chamado de Terreiro Grande, que também dava nome a uma região do Morro do Salgueiro na qual rolava samba, como mostra o depoimento de Manoel Antônio Barbosa, primo de Antenor Gargalhada. "Sempre frequentei o "Terreiro Grande", não fazia nada, ia lá apenas para apreciar o movimento [...], como as pessoas conseguiam dançar tão bem e eram tão bem vestidas para as rodas de samba e festas comum"

(BARBOSA, 2010, p. 46).



Homenagem ao Salgueiro com participação de Tuco Pellegrino.

Cartaz: Akin Reis

SAMBA EM FLORIANÓPOLIS

Com a instalação, no final da década de 40, do 5º Distrito Naval em Florianópolis, os marinheiros desembarcados na cidade e com algum conhecimento do samba do Rio de Janeiro, passaram a frequentar a região de Canudinhos, se misturando aos moradores dos morros daquela redondeza e influenciando no despertar do samba na cidade. (LP 150 ANOS DE CARNAVAL, 1985)

O samba em Florianópolis surgiu na década de 1940, nos arredores do Bar do Tazo¹, na Rua Major Costa – região de Canudinhos – aos pés do Morro da Caixa. Nesse reduto nasceram os primeiros Blocos Carnavalescos e Escolas de Samba de Florianópolis, como Os Protegidos da Princesa, Copa Lord e blocos como os Narcisos e Dião e Os Bororós.

Além das escolas de samba Os Protegidos da Princesa (1948) e Embaixada Copa Lord (1955), outras escolas e blocos fizeram história em Florianópolis, no mesmo período, como Os Filhos dos Continentes (1959), Unidos da Coloninha (1962), Filhos de Netuno, Império do Samba (1972), Lufa-Lufa, entre outras.

¹ O bar mudou de nome algumas vezes e em 2021 deixou de existir.



Foto: Joaquim Corrêa, 2017.

Sobre, possivelmente, o primeiro Samba Enredo de Florianópolis.

Os relatos de alguns personagens chaves da cidade, são importantes para compreendermos o samba em Florianópolis. Abaixo, a transcrição de um trecho do programa de TV, Bar Fala Mané, de Aldírio Simões, de 1999. Conversa com Dinho (Grupo Bom partido), Elio Cabrinha, e Aberlardo Blumemberg (Avez-vous).

Aldírio: Tá vendo Dinho, Élio e Doutor Aberlado, quem fez na realidade o primeiro samba enredo em Florianópolis?

Élio Cabrinha: Quem fez foi o Sariga para Os Protegidos da Princesa

Aldírio: Quem era o “Sariga”?

Élio: Sariga era um embarcado da Companhia Lloyd Brasileiro

Aldírio: Que ano foi isso?

Elio: em 1948

Aldírio: E você lembra um pouquinho deste samba? Sei que você era pequeninho naquele tempo (risos)

Avez-vous inicia: Florianópolis cida-de esmeralda...

Élio canta:

*“Florianópolis cidade esmeralda
foi batizada cidade hospitaleira
Os Protegidos da Princesa
vão primar com esse samba
sua homenagem a essa terra Bra-sileira
Florianópolis essa linda capital
tem como símbolo essa ilha encan-tada
do Sul até o Norte”*

Aldírio interrompe e diz: isso é um documento Dinho

Dinho: isso, história!

(PROGRAMA BAR FALA MANÉ. Estúdio TV Cultura Morro da Cruz. Apresentação Aldírio Simões. 11 de novembro de 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pymKjyn1YFw>. Acesso em: 14 de novembro de 2020).



Foto: Sergio Silva, 2017.

HOMENAGEM AO SAMBISTA QUE SUBIU

Protegidos da Princesa está de luto

O golpe foi demais

Perdemos o nosso amigo

Carriço

Que numa roda de bambas

Era um dos maiorais

Mesmo nas horas tristes de amargura

Estava sempre pronto ajudar

Vinha lá da Guanabara

Agitava a moçada

E fazia, nossa escola brilhar

Hoje fazendo três meses

Que ele nos deixou

Prestamos nossa homenagem

A Valmir Carriço

A saudade que ficou

lalaia lalaia a saudade que ficou



Foto Agência Brasil:

Primeiros desfiles da Protegidos da Princesa

OS PROTEGIDOS DA PRINCESA

Aos pés do Morro da Caixa: origem das escolas!

Corria o ano de 1948 e os marinheiros que se reuniam no morro da Caixa, juntamente com moradores locais, decidiram criar uma Escola de Samba para desfilar pela primeira vez no carnaval de Florianópolis. No dia 18 de outubro de 1948, com 50 integrantes, surgia Os Protegidos da Princesa¹, tendo como fundadores Libânio da Silva Boaventura, Íbio Rosa, Silvio Serafim da Luz e Benjamim João Pereira.

Os Protegidos da Princesa organizaram o primeiro concurso de Samba Enredo de Florianópolis em 1976, onde concorreram enredos com temas locais.

(LP 150 ANOS DE CARNAVAL)

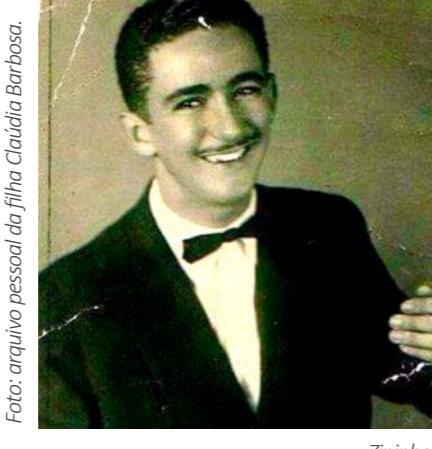


Foto: arquivo pessoal da filha Cláudia Barboza

A cantora Neide Maria Rosa tinha em seu repertório muitas músicas do compositor e poeta Zininho, entre elas "Magia do Morro", que serviu de esquenta para a escola Os Protegidos da Princesa. "Linha do Estácio" e "Preconceito Racial" (que evidenciava a preocupação do artista com o preconceito e discriminações sofridos pela população negra). Boêmio, Zininho circulava em Florianópolis fazendo da caixa de fósforo sua parceira nas composições. Compartilhava as mesas de bar com outros artistas da cidade e encantava a todos com a sutileza de seu humor. Entre 1940 e 1960, compôs mais de cem músicas entre marchas rancho, samba canção e muitos sambas que chamamos de "Linha do Estácio". Zininho era um poeta e um produtor de muitas facetas e ficou conhecido como O "gentleman do samba", nome de um programa de rádio apresentado pelo compositor. Entre suas músicas, também estão muitas marchas, sendo que a mais conhecida é Rancho de Amor à Ilha, que virou o hino da cidade de Florianópolis.

EMBAIXADA COPA LORD

A imagem acima – do artista Manoel João Raulino Filho¹ - registra o desfile da Copa Lord, em 1962, ano que a escola cantou o samba do Bloco Carioca Canários das Laranjeiras, nas cores amarelo e branco. Isso explica o amarelo que a Copa Lord usou nas fantasias, já que naquele ano a Escola ainda não havia incorporado suas cores padrão que são: vermelho, amarelo e branco.

Arte: Manoel João Raulino Filho.



Desfile da Copacabana Lord 1962.

ALGUNS COMPOSITORES ANTIGOS DA COPA LORD

Avez-vouz, Fausto, Auri da Ilha, Nelson Wagner, Professor Lucas, Maurilha, Valdir, Celinho da Copacabana Lord, Edu Aguiar, Edson Camargo.

¹ Avez-vous costumava comentar que no início só desfilavam homens negros nos Protegidos da Princesa e que ele mesmo já teria sido barrado por ser mais claro.



Foto: Joaquim Corrêa, 2019

Copa Lord e suas Pastoras.

CURIOSIDADES SOBRE A COPA LORD

A Copa Lord foi fundada em 1955. Naquele ano, a Escola saiu com dez pastoras e com o trombone do Carlito - abolido no carnaval de 1956. As cores da Escola só foram definidas a partir de 1966.

(BLUMENBERG, 2005)

Trezentos folhetos foram suficientes, para deixar famoso o samba de quadra ou samba hino “Quem vem lá” (Avez-vouz e Alvaro Fogão), apresentado no desfile de 1965, antes apresentação do Samba Enredo Florianópolis, Paraíso do Amor.

(BLUMENBERG, 2005)

Foto: Sérgio Silva, 2017.



Evento Gratuito

**SAMBA
DE TERRÉ**

*“Quem vem lá,
De amarelo, vermelho e branco,
Levantando a poeira do chão?
é a Copa Lord, do morro da Caixa,
Que vem bailando com satisfação,
Cantando, com harmonia,
A sua linda melodia,
Quem nunca viu,
Venha ver
Tanta beleza para crer
Que faz sambar a própria lua,
E as estrelas também,
Os arvoredos
Ficam bailando com emoção,
E os passarinhos,
Vão cantando esta canção;
la,la,la.etc (Oi, quem vem lá?)”*

Naquela época, os instrumentos de couro, como pandeiros e surdos, eram submetidos várias vezes ao aquecimento, através da queima de jornais. O tamborim malacacheta era feito de retângulo de madeira de couro de pele de gato. O surdo de marcação era uma barrica, a cuíca era feita de uma pequena barrica, o reco-reco era de bambu. Não havia som mecânico, iniciava-se o canto e se levava até a bateria para uma harmonia rítmica.

(BLUMENBERG, 2005, p. 18/19/20)

O primeiro samba de quadra da Copa Lord foi composto em 1956, pelo Auri da Ilha: Exaltação a Copa Lord. Neste mesmo ano, também foi criado o primeiro Samba Enredo da escola: “Vem forasteiro”!

(BLUMENBERG, 2005, p. 22/23)

Juventino João dos Santos Machado (Nego Quirido) nascido em 1925, em Timbé, município de Tijucas/SC, fez parte dos Protegidos da Princesa inicialmente e depois foi um dos fundadores da Copa Lord.

Famoso pela excelente técnica no puxar da cuíca - feita de um pequeno barril de mate, sendo considerado um dos melhores cuiqueiros do Brasil. Nego Quirido era boa pinta, apresentava-se sempre com chapéu de malandro, calça boca funil e sapatos caprichosamente engraxados. Metido a carioca, empregava mal a gíria do Rio de Janeiro. Era valente e dizia: Eu sou negão, só gosto de cachaça. Deu nome à Passarela do Samba de Florianópolis.

(BLUMENBERG, 2005, p 28/29)

Maurília Carmelina Cunha foi, possivelmente, uma das primeiras mulheres a assinar um samba em Santa Catarina. Entre 1961 e 1963 compôs, em parceria com seu esposo Valdir, o samba “Homenagem à Ademir”, tributo a seu sobrinho, passista símbolo daquela época.

Foto: Luiza Filippo, 2019



Pastoras Josiane, Julia Maria e Jandira.

Homenagem à Ademir

*Oh, Deus, quantas saudades
Sente a Embaixada Copa Lord
Vejam que crueldade,
Morreu o passista de nossa
sociedade,
Nossa escola vai desfilar
Para nada auferir
Copa Lord quer brilhar
Em homenagem ao passista,
Que foi Ademir.*

(Maurília e Valmir)



DO RIO DE JANEIRO A FLORIANÓPOIS, DO SALGUEIRO A COPA LORD

Antigamente, era comum, os sambas virem do Rio de Janeiro para Florianópolis e aqui sofrer a mudança numa parte da letra. O mestre Abelardo Henrique Blumemberg (Avez-vouz¹) que amava samba de terreiro, dizia, “pra mim não tem o ritmo como o choro nem samba canção, gosto mesmo é de samba dos morros lá das antigas». Em 1957, ele trouxe dois sambas do Salgueiro para a Copa Lord. Gostava

de dizer que o vermelho, uma das cores da Copa Lord, ele botou em homenagem ao Salgueiro que era sua escola de samba no Rio. Além do vermelho, a Copa Lord carrega as cores amarelo e branco.

Em suas idas e vindas ao Rio de Janeiro Avez-vouz trouxe, em 1957, o belo samba de terreiro “Novo Dia” (compostos por dois gigantes do Salgueiro: Caxiné e Djalma Sabiá). Esse foi o samba de quadra que esquentou a Copa Lord naquele ano antes do desfile, pois naquela época havia um samba para esquentar e posteriormente o samba enredo. O samba enredo que a Copa desfilou em 1957 foi “Uma romaria na Bahia” (Abelardo Silva, José Ernesto Aguiar, Eduardo de Oliveira - o Duduca). Esse samba foi uma reedição do samba que o Salgueiro desfilou em 1954, do lendário compositor Duduca.

(Carlos Alberto Raulino)

¹ Avez-Vous (Avevú na linguagem popular) ganhou esse apelido devido a uma desatenção na aula de Francês ao conjugar um verbo de forma equivocada. Advogado de formação e sambista por amor foi um dos fundadores da Escola de Samba Embaixada Copa Lord. Perdeu a vida aos 79 anos, atropelado a caminho da Passarela onde ia conferir os carros alegóricos de sua escola, faltando 3 dias para o carnaval. Morreu lúcido e muito ativo. Adorava contar histórias da malandragem. Em uma de suas idas e vindas ao Rio de Janeiro, relatou que conheceu a histórica figura carioca de Madame Satã na Lapa.



Avez-vous. Caricatura:
Marcelo Marques de
Melo, 2008.

PARA SABER MAIS

ARAÚJO, Bernardo. Prazer da Serrinha: histórias do Império Serrano. Coleção Cadernos de Samba. Verso Brasil: Rio de Janeiro, 2015.

ARAÚJO, Isnard; FILHO, Antônio Candeia. Escola de Samba - Árvore que esqueceu a raiz. Rio de Janeiro: Lidador/SESC, 1978.

BARBOSA, Ronald Siqueira. Manoel Antônio Barbosa: Isso parece embromação, mas não é. [s.i; sn], 2010.

BERNARD, C. O bê-a-bá das escolas de samba. Editora Diálogo Cultura e Comunicação. 2001.

BLUMENBERG, Abelardo Henrique. Quem Vem Lá? A História da Copa Lord. Florianópolis: Garapuva, 2005.

CABRAL, Sergio. As Escolas de Samba do Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Nacional, 1ª edição 1996 (2ª edição 2011).

CAMPOS, Alice Duarte Silva de, et al. Um certo Geraldo Pereira. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

DINIZ, André. Almanaque do Samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FRANCESCHI, Humberto M. Samba de Sambar do Estácio: de 1928 a 1931. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2010.

FILHO, Arthur L de Oliveira; SILVA, Marilia T. Barboza da. Silas de Oliveira: do jongo ao samba enredo. São Paulo, Funarte, 1981.

FILHO, João Antônio Ferreira. Noel Rosa. Coleção Literatura comentada. São Paulo: Editora Abril, 1982.

LOPES, Nei. Do rancho-escola ao “professor” Paulo. Blog IMS. 07 de Janeiro de 2013. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/do-rancho-esco-la-ao-professor-paulo-por-nei-lopes/>. Acesso em: 14 de setembro de 2020.

_____. O samba na realidade: utopia da ascensão social do sambista. [s.i]. Malungo. 2017.

LP 150 anos de alegria- carnaval da Ilha. Produção fonográfica: Propague
Produção executiva: Aldírio Simões. Ano: 1985.

SANDRONI, Carlos. Feitiço Decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, Sormani de. Escola de Samba Deixa Malhar. Rio de Janeiro: editora do autor, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. Tantas Páginas Belas: histórias da Portela. Coleção Cadernos de samba. Editora Verso Brasil: Rio de Janeiro, 2012.

TRAMONTE, Cristina. O Samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das Escolas de Samba. Petrópolis: Vozes, 2001.

VARGENS, João Baptista M. Candeia luz da inspiração. Martins Fontes: São Paulo, 1987.

LIMA, Henrique E. Da Escravidão a Liberdade na Ilha de Santa Catarina. História diversa: africanos e afro descendentes na Ilha de Santa Catarina, Editora UFSC, Florianópolis, 2013.

MALAVOTA, Claudia M. Construindo Vidas na Diáspora. Revista História (São Paulo) v.32, n.1, p. 281-303, jan/jun 2013 ISSN 1980-4369

SANTOS, André L. Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis, tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da UFSC, 2009.

Apoio



FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS
FRANKLIN CASCAES



O Projeto Samba de Terreiro Florianópolis conta com o apoio logístico da Fundação Franklin Cascaes (FFC), disputa editais mas três esferas e realiza a venda de um catálogo variado de produtos ligados a mesma cultura que busca preservar. Ainda assim, ao longo desses cinco anos de (re) existência, lutamos constantemente para remunerar nossos músicos e apoiadores de maneira justa, oferecendo ao público, de forma totalmente gratuita, o bom e velho samba de terreiro.

Se você quer contribuir com o nosso Projeto, torne-se cliente da nossa loja virtual, acompanhe nossas ofertas, sugira outras ideias e, sempre que for possível, vamos tentar atender suas sugestões. Nossa estoque não é grande, mas é bastante diversificado.

